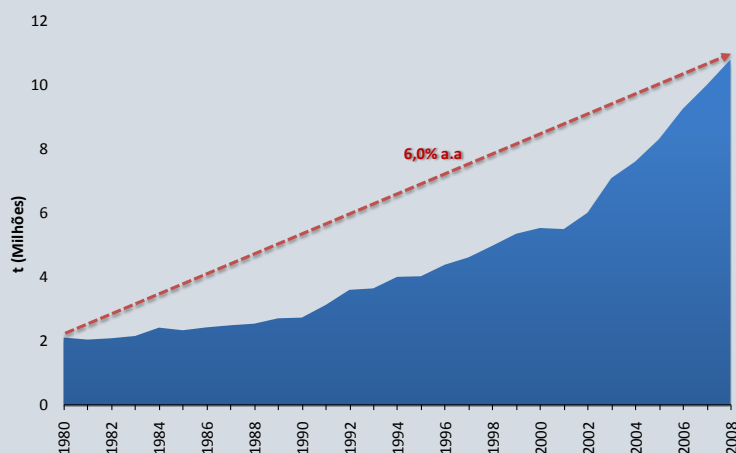


Brasil: Potência Mundial na Produção de Celulose

A produção brasileira de celulose de fibra curta nasceu com o simples objetivo de ser uma alternativa local ao produto importado da Europa e dos Estados Unidos, entretanto, ganhou força e, empurrada por uma competitividade muito superior aos demais países do mundo, aumentou 5 vezes nos últimos 28 anos.

Figura 1. Evolução da Produção Brasileira de Celulose de Fibra Curta

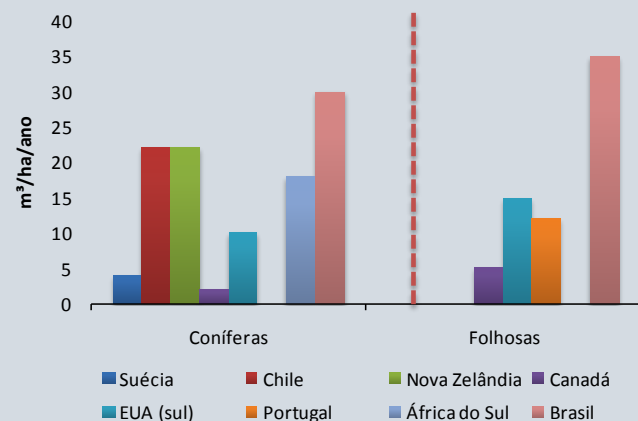


Fonte: Bracelpa

Este patamar de produção coloca o Brasil no 4º lugar do ranking mundial dos produtores de celulose. Diferentemente de outros países, no Brasil 100% da produção de celulose de fibra curta é realizada com plantações florestais, que totalizam aproximadamente 1,7 milhões de hectares, representando assim, quase 50% de toda a área de plantios de Eucalyptus do Brasil.

O principal fator competitivo da celulose brasileira é seu custo de produção, estimado em US\$ 260/t, 33% inferior ao custo médio mundial. O custo competitivo da celulose brasileira resulta principalmente do rápido crescimento das plantações florestais no país, proporcionado pelos investimentos em pesquisa e pelas condições de clima e solo favoráveis.

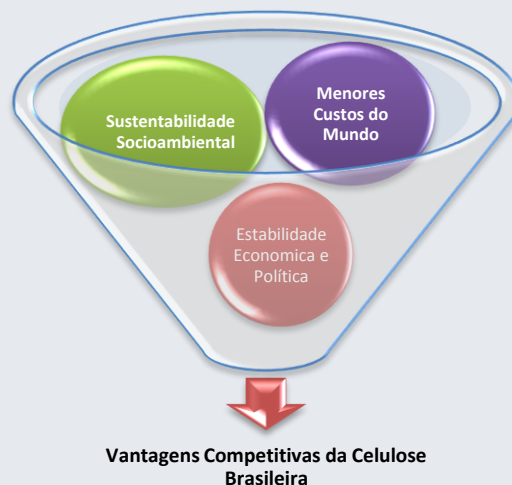
Figura 2. Produtividade Florestal Mundial



Fonte: Banco de Dados da Silviconsult

A sustentabilidade socioambiental da atividade e a recente estabilidade política e econômica do país completam a lista das principais vantagens competitivas do setor de celulose brasileiro.

Figura 3. Fatores de Competitividade da Produção Florestal Brasileira



Esses fatores, no entanto, não impediram que a crise econômica mundial atingisse de fortemente o setor. O impacto inicial foi proporcionado pela repentina desvalorização do real frente ao dólar, que pegou de surpresa algumas companhias produtoras de celulose.

Quase a totalidade dos *players* registraram aumentos nas despesas com dívidas em moeda estrangeira e prejuízos no último trimestre de 2008. Em especial, uma das maiores companhias do setor possuía uma exposição cambial de 6,26 bilhões de dólares em derivativos, o que quase a levou a insolvência.

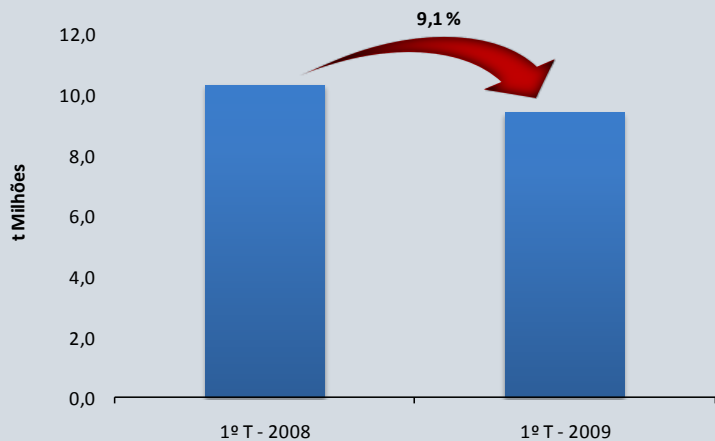
Figura 4. Evolução da cotação do câmbio entre 1999 e 2009



Fonte: Banco de Dados da Silviconsult

Logo após o agravamento da crise, que passou a afetar de forma significativa a economia real, houve uma forte retração da demanda mundial de celulose. Segundo os dados publicados pelo *Pulp and Paper Products Council* a demanda mundial por celulose de mercado, no primeiro trimestre de 2009, foi de 9,4 milhões de toneladas, montante 9,1% inferior ao do mesmo período de 2008.

Figura 5. Redução da Demanda Mundial por Celulose -1º T 2009 e 1º T 2008

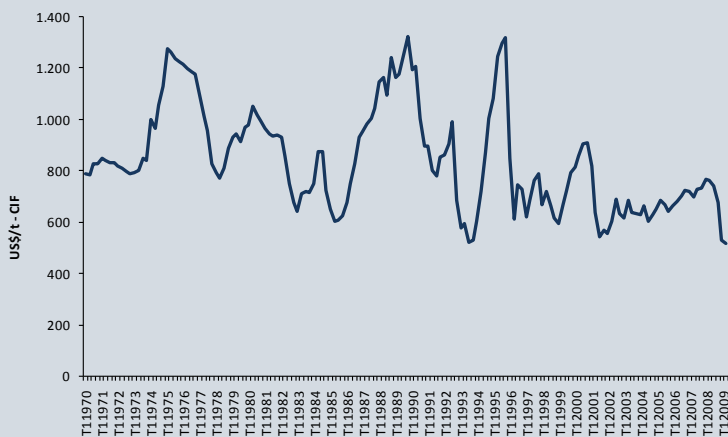


Fonte: PPPI

Além disso, por se tratar de uma *commodity*, os preços da celulose despencaram no mercado internacional. Os preços de celulose da fibra curta atingiram US\$ 483/t em abril de 2009, uma queda de 6,5% em relação ao mês anterior e 42,5% em relação ao topo desse ciclo, alcançado em meados de maio de 2008 (US\$ 840/t).

Estudos desenvolvidos pela Silviconsult mostraram que historicamente os preços de celulose oscilar em torno de um ponto médio, apesar de apresentarem flutuações e ciclos não periódicos no curto e médio prazo. Em geral, nas últimas recessões os preços caíram de 7% a 55% e a recuperação aos patamares anteriores demorou, no mínimo, dois anos.

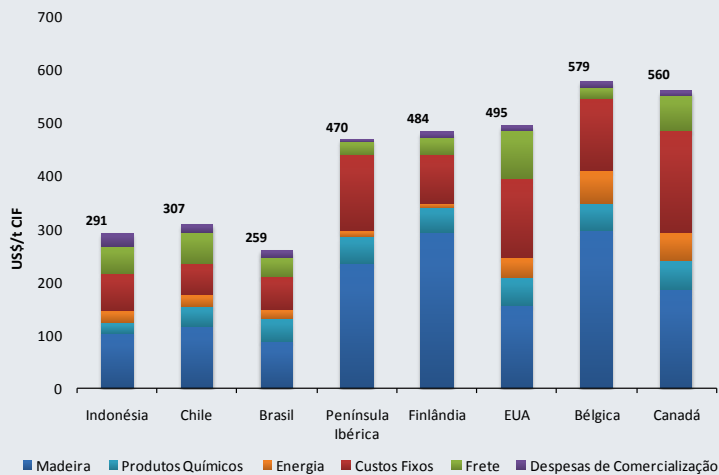
Figura 6. Evolução do Preço Internacional de Celulose de Fibra Curta - 1970 e 2009



Fonte: PPPI

O panorama atual é negativo para todas as empresas de celulose do mundo. Entretanto, em função das nossas vantagens competitivas, acredita-se que o Brasil não perderá mercado e poderá vir a ocupar espaços antes pertencentes às empresas de outros países. Em um cenário com preços degenerados, em função dos altos custos de produção, as indústrias de celulose do hemisfério norte são as primeiras a sentir os efeitos da crise e, certamente, se verão obrigadas a ajustar seus níveis de produção, perdendo mercado e deixando espaço para competidores mais eficientes.

Figura 7. Custos Médios de Produção

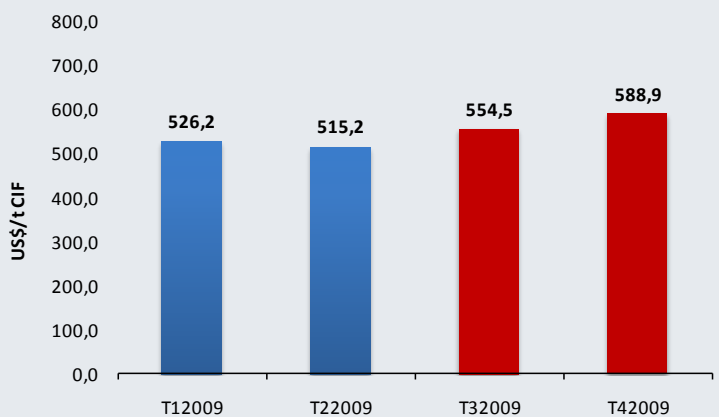


Fonte: Banco de Dados da Silviconsult

Ademais, quanto às expectativas futuras para a economia mundial, já é possível ver uma luz no horizonte. Se é o final do túnel..., ninguém pode dizer, mas a desaceleração do crescimento econômico mundial começa a perder força. Indicadores da atividade industrial na China começam a dar sinais de melhora. A economia dos Estados Unidos deve começar a crescer outra vez no segundo semestre deste ano. A previsão de consenso dos especialistas consultados no boletim de maio da *Blue Chip Economic Indicators* é que no segundo trimestre o PIB estadunidense contraia em índice anual de 1,7%, o que será 0,4% melhor do que a previsão traçada um mês atrás. No Brasil, indicadores de vendas no varejo, gastos com consumo e atividade industrial devem ser melhores em maio do que em abril. Além disso, em todo o mês de abril, a Bovespa acumulou elevação de 15,6%, a mesma registrada em fevereiro de 2005 e a maior desde então. Também foi o segundo mês seguido no azul. Em 2009, a bolsa já acumula uma elevação de 25,94%.

Mais especificamente para o setor de celulose, com o aumento das vendas na China, a tendência de queda dos preços da celulose na Ásia, iniciada em setembro passado, foi interrompida. E, nesse contexto, a Silviconsult projeta que nos dois últimos trimestres de 2009 os preços da celulose de fibra curta devem retomar a tendência de alta.

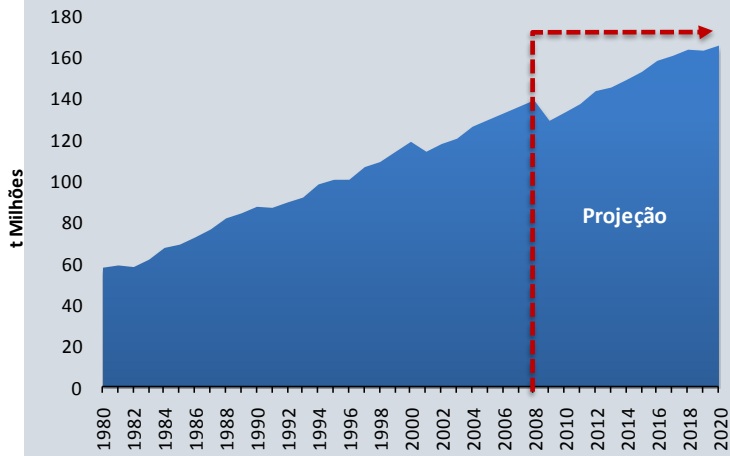
Figura 8. Projeção do Preço de Celulose de Fibra Curta para o 3º e 4º Trimestre de 2009



Fonte: Banco de Dados da Silviconsult

A previsão de longo prazo é de crescimento vigoroso da demanda global por celulose. Até 2020, a demanda mundial de celulose deverá crescer 24,3%, impulsionando investimentos no Brasil, especialmente das empresas estrangeiras.

Figura 9. Projeção da Demanda Mundial de Celulose



Fonte: Banco de Dados da Silviconsult

O setor de celulose brasileiro é o único que tem condições de continuar seu avanço no mercado mundial e passar de 4º para principal produtor dessa *commodity*.

Alex Sandro Nogueira, M. Sc. em Economia Florestal, MBA em Finanças pela FAE Business School. Consultor da área de negócios florestais da Silviconsult.